

Música e Comunicação: Reflexões sobre a Biologia do Conhecer e a Musicoterapia

Renato Tocantins Sampaio*

Resumo

O presente trabalho visa apresentar uma nova concepção sobre a questão da Música e da Comunicação, tendo como referência a Biologia do Conhecer de Humberto Maturana e colaboradores e a Esquizoanálise de Gilles Deleuze e Feliz Guattari. Conceitos como Comunicação, Linguagem, Vida, Ser Humano e outros são reelaborados propondo um novo pensar clínico em Musicoterapia.

Palavras-Chave: Música, Comunicação, Linguagem, Prática Clínica Musicoterapêutica

Abstract

This work aims to present a new understanding about Music and Communication, based on the Biology of Knowing by Humberto Maturana and cols. and the Esquizoanalysis by Gilles Deleuze and Feliz Guattari. Concepts such as Communication, Language, Life and Humam Bbeing, among others, are reviewed and a new clinical approach in Music Therapy is proposed.

Key-words: Music, Communication, Language, Music Therapy Clinical Practice.

Introdução

O pensamento ... está a serviço da vida em sua potência criadora.

Sueli Rolnik

* Musicoterapeuta, Educador Musical. Mestre em Comunicação e Semiótica. Coordenador da Graduação em Musicoterapia da Faculdade Paulista de Artes (SP). Professor dos Cursos de Musicoterapia, Música, Artes Cênicas e Dança da Faculdade Paulista de Artes e do Curso de Musicoterapia da Universidade de Ribeirão Preto (SP). Endereço: Sampaio e Parente – Núcleo de Musicoterapia. Av. Angélica 1045, conjunto 72, São Paulo – SP. CEP 01227-100 fonefax: (11) 3825-5921 E-mail: renato@musicoterapia.sampa.nom.br

Quando ingressei no Programa de Mestrado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, tinha em mente uma questão bastante definida para ser trabalhada em minha dissertação: “*como e o quê a música comunica num setting musicoterapêutico?*”.

Para tanto, tinha alguns pressupostos: 1) Existe comunicação num processo terapêutico e ela é imprescindível para que se alcance os objetivos terapêuticos; 2) Terapeuta e paciente (ou grupo) se comunicam tanto de forma verbal, como não-verbal; 3) A música possui uma estrutura tal que lhe permite ser utilizada como meio de comunicação; 4) O principal meio de comunicação na musicoterapia é a música; 5) Diversos tipos de conteúdo são transmitidos através da música; e, 6) Analisando o produto musical das interações entre o paciente e o terapeuta podemos entender *o quê e como* a música comunica num *setting* terapêutico.

Porém, ao iniciar os estudos sobre as diversas abordagens semióticas e seus modos particulares de análise, percebi que deveria retomar alguns conceitos anteriores a estas questões e pressupostos. Entre os diversos conceitos e noções que estou trabalhando em minha dissertação (em fase de conclusão), destaco aqui a *Comunicação*, e a música como meio de comunicação, segundo a *Biologia do Conhecer*.

A Biologia do Conhecer

“Eu sou maravilhosamente irresponsável sobre o que vocês escutam, mas sou totalmente responsável pelo que eu digo.”³⁴

A teoria da *Biologia do Conhecer* vem sendo desenvolvida pelo biólogo chileno Humberto Maturana e seus vários colaboradores (Francisco Varela, Paul Garvin, Jorge Mpodozis, etc.) desde a década de 1960, tendo como início as pesquisas realizadas sobre os processos de cognição em seres vivos e sobre a percepção visual tanto em seres humanos como em anfíbios e mamíferos. O trabalho de Maturana, ainda em desenvolvimento, parte da neurofisiologia e da microbiologia e o leva a fazer considerações sobre toda uma gama de eventos e circunstâncias que envolvem desde a cognição, a percepção, o pensamento, a linguagem, a ética, a vida, etc.

“*Viver é conhecer. No momento em que o organismo não está mais em congruência com sua circunstância, morre – acaba o conhecimento de sua circunstância*”.³⁵

³⁴ MATURANA, Humberto, 2001, p. 75.

³⁵ MATURANA, Humberto, 1999, p.36

Para entender o ser vivo, o que temos que encarar é o que o faz, o que o constrói. Eu dizia: 'Qual é a tarefa, ou o propósito da mosca?' Mosquear, ser mosca. O interessante é que a resposta 'O propósito da mosca é mosquear' coloca a caracterização do ser vivo no ser vivo, não a coloca fora do ser vivo. Porque esse 'mosquear' não é mosquear os outros, é mosquear, ser mosca. Estar na dinâmica de ser mosca. E o gato? Gatejar, gatinhar. E o ser humano? Ser humano.³⁶

Aliada a esta concepção de ser vivo, está presente ainda a noção de *autopoiese*, ou seja, de organização circular. A síntese mínima de um ser vivo consiste num "processo circular de produções moleculares no qual o que se mantém é a circularidade das produções moleculares. Mantém-se a circularidade mas não a forma, que pode variar".³⁷ A partir das reflexões sobre o conhecer, Maturana propõe entendermos o organismo como um "sistema que opera com conservação da organização, como um sistema fechado, como uma rede de produções de componentes no qual os componentes produzem o sistema circular que os produz".³⁸ Isto é, o ser vivo concebe a si mesmo e ao mundo no ato de viver.

Segundo esta teoria revolucionária e radical, o sistema nervoso de qualquer ser vivo – desde os organismos mais simples, tais como bactérias e algas, até os seres mais complexos, como o homem –, consiste numa "rede neural fechada que muda de uma maneira contingente com o curso de interações do organismo e com o curso de sua própria dinâmica de estados".³⁹

Num processo perceptivo, as interações do organismo com o meio desencadeiam em seus elementos sensoriais mudanças estruturais que resultam em mudanças na dinâmica de estado do sistema nervoso que eles integram como componentes neurais, sendo que tais mudanças de estado do sistema nervoso, por sua vez, resultam em mudanças estruturais tanto dos componentes internos quanto dos componentes que estão no limite deste sistema (componentes sensores e efetores). Tais mudanças estruturais levam a mudanças em suas dinâmicas de estado e, portanto, nas correlações senso-efetoras que constituem as interações do organismo com o meio. Todas estas mudanças no sistema nervoso constituem uma rede entrelaçada de processos recursivos, um circuito fechado que retorna ao seu ponto de partida (interações com o meio) mas

³⁶ Ibid, p. 41.

³⁷ Ibid, p. 32.

³⁸ Ibid, p. 35.

³⁹ Ibid, p. 111.

com uma estrutura diferente - recriada, renovada, reconstruída - do próprio sistema nervoso, ou seja, um eterno processo autopoiético.

“O resultado geral dessa dinâmica recursiva é que a estrutura do sistema nervoso (características operacionais de seus componentes e suas relações) muda de maneira contingente com a história de interações do organismo ... ainda que nada no operar do sistema nervoso represente o que acontece nas relações e interações do organismo em seu meio.”⁴⁰

Nada no sistema nervoso se assemelha ou representa aquilo que o organismo percebe, sente ou imagina. Não há uma representação do mundo no sistema nervoso, nem de uma forma simbólica, nem de uma forma concreta, embora haja um certo registro de sua história de interações com o mundo em sua estrutura e em sua forma de funcionamento.

Maturana, afirmando categoricamente em seus textos que “tudo que é dito, é dito por um observador a um outro observador” e que “o fenômeno do conhecer é um fenômeno do operar do ser vivo em congruência com sua circunstância”, parte do princípio que o funcionamento psíquico surge a partir da própria corporalidade humana:

Nós humanos, enquanto seres vivos, existimos como animais, ou seja, como *Homo sapiens sapiens*, no domínio de nossa coporalidade molecular, e vivemos como tais no fluir de nossos processos fisiológicos. Ao mesmo tempo, por pertencer à classe de animais que somos, isto é, seres humanos, existimos no domínio de nossas interações como tais, o qual um observador vê como o domínio de nossa conduta humana. Esses dois domínios de existência são disjuntos, não se intersectam, e, portanto, os fenômenos ou processos de um deles não pertencem ao outro. Existe entretanto uma relação gerativa entre eles ... segundo a qual o domínio da conduta surge como resultado da dinâmica fisiológica que dá origem ao organismo como totalidade, e a dinâmica condutual, como processo que ocorre nas interações do organismo, modula a fisiologia que lhe dá origem.⁴¹

Esta distinção entre estes dois planos de existência é imprescindível para que entendamos que, apesar de coexistirem (de forma disjunta), nenhum dos dois é explicável em função do outro e devem ser entendidos segundo seus próprios âmbitos de legitimidade, e portanto, apesar de se modularem continuamente, um domínio é cego e abstrato em relação ao outro.

Aquilo que um observador vê, ou seja, a conduta de um organismo, consiste numa

⁴⁰ Ibid. p. 112.

⁴¹ Ibid. p. 109.

dinâmica de correlações senso-efetoras que se dão em congruência com a circunstância de vida do organismo como resultado de sua história de mudanças estruturais congruentes com o meio em um deriva estrutural com conservação de organização e adaptação, na qual a estrutura do organismo e seu sistema nervoso mudam de uma maneira contingente com o curso da realização do organismo. A conduta não é, então, uma ação sobre o ambiente como o observador vê ...⁴²

O domínio em que vivemos aquilo que na vida cotidiana denominamos como psíquico, mental e espiritual é o domínio das relações e interações do organismo. O domínio psíquico de cada organismo varia de acordo com seu modo de viver, e o sistema nervoso de um animal opera de uma maneira ou de outra, segundo o espaço psíquico do organismo que integra. “A vida psíquica é nosso modo de vivenciar nosso espaço relacional como seres humanos, e esse nosso vivenciar ocorre por nosso conversar sobre nosso viver no conversar”.⁴³

“Dada a modulação da mudança estrutural do sistema nervoso pelo modo de viver do organismo que integra, todos os animais vivem num espaço psíquico. O espaço psíquico dos animais que não existem na linguagem, no entanto, não pode ser evocado com as vivências dos seres que existem nele. ... Por isso, a vida psíquica ou mental da qual o sistema nervoso de um cão participa será próprio da sua vida de relação, e será diferente de um cachorro a outro, tanto dependendo de sua identidade biológica como raça, quanto dependendo do espaço de coexistência humana em que um e outro vivam como animais domésticos.”⁴⁴

Maturana afirma que vivemos como vivemos, somos como somos e pensamos como pensamos por estarmos inseridos num domínio psíquico específico, ou seja, num domínio de interações, que ocorre num mundo de linguagem.

Comunicação e Linguagem

“Explicar é propor um a reformulação da experiência com elementos da experiência”.⁴⁵

Maturana nega a suposição da linguagem e da cognição como representação do mundo e compreende a comunicação entre dois orga-

⁴² Ibid, p. 113.

⁴³ Ibid, p. 115.

⁴⁴ Ibid, p. 115.

⁴⁵ MATURANA, Humberto, 2001, p.69

nismos como uma coordenação de ações entre eles. Esta concepção vale tanto para os organismos mais simples, sem um sistema nervoso desenvolvido, até aqueles organismos com sistemas nervosos complexos, como os primatas e os seres humanos.

O comportamento pode ser inato - o que às vezes chamamos de instintivo - ou aprendido. Não é possível distinguir na própria conduta se ela é de origem inata ou aprendida. Esta distinção só é possível na história do organismo, pois existe a referência às circunstâncias sob as quais se deram as condições que fazem possíveis esses comportamentos. "Se essas condutas resultam de uma história particular, de modo que não teriam acontecido se essa história particular não houvesse acontecido, fala-se de *condutas* ou *comportamentos aprendidos*. Se essa conduta houvesse se produzido, ou as condições corporais que tornam possível esse comportamento houvessem surgido de qualquer modo, independentemente da história individual do organismo, fala-se de *condutas instintivas*." ⁴⁶

Dentre os comportamentos aprendidos há uma categoria especial que diz respeito a uma coordenação de coordenação de ações, ou seja, a uma coordenação consensual de comportamentos de coordenações consensuais de comportamentos. Este é o domínio da linguagem.

Ao *consenso*, não corresponde um acordo, não corresponde uma coincidência na ação sobre algo, nem uma explicitação da coordenação de ação à qual se faz referência, mas uma clara sinalização do resultado de estar junto, do resultado de conversar. Este consenso ocorre em "condutas ou em coordenações de condutas que se estabelecem como resultado de estar juntos em interações recorrentes". ⁴⁷

"As coordenações consensuais de comportamentos resultam da convivência das transformações dos participantes na convivência, e não haveriam se produzido se não se houvesse produzido essa história de convivência. Então, se eu digo isso, a linguagem, o operar na linguagem, consiste em operar em coordenações consensuais de condutas de coordenações consensuais de condutas. Há uma recursão". ⁴⁸

Maturana propõe um exemplo bastante simples para se entender a recursão na coordenação de ações e a sua definição de linguagem: Uma pessoa está brincando com seu cachorro em um parque. Ele atira um graveto e o cachorro o trás de volta. Quando o cachorro chega até o

⁴⁶ Ibid, p. 71

⁴⁷ Ibid, p. 71

⁴⁸ Recursão consiste numa aplicação de uma operação sobre o resultado da aplicação da operação. Por exemplo, o cálculo fatorial em matemática é essencialmente recursivo, bem como o cálculo da posição de um elemento em uma seqüência de elementos. Ibid, p. 72.

dono, ele larga o graveto e late. O dono pega o graveto e o atira novamente. Durante este jogo, uma pessoa chega e começa a conversar com o dono do cachorro. O cachorro chega com o graveto e late para o seu dono. Este latido está dizendo “eu trouxe o graveto, pode jogar”, ou estará dizendo “eu já trouxe o graveto, você não viu? Preste atenção em mim! Para de conversar e vamos continuar jogando”. Se estivermos no primeiro caso, ainda não há linguagem, somente uma coordenação de ações. No segundo caso há uma linguagem pois há uma recursão de uma coordenação de ação sobre uma coordenação de ação. No entanto, para podermos definir se estamos no primeiro ou no segundo caso, temos de conhecer a história das interações entre o cachorro e o seu dono, para sabermos se esta conduta observada do cachorro é recursiva ou não.

Para se dizer que há recursão, para se dizer que há linguagem, no caso das coordenações de ação, temos que fazer referência à história. ... De modo que nenhum comportamento isolado, nenhum gesto, nenhum som, nenhum movimento, nenhuma postura corporal, por si só, é parte da linguagem. Mas, se está inserida no fluir de coordenações consensuais de coordenações consensuais de ação, é parte da linguagem. Se podemos mostrar que o latido do cachorro no curso de nossas interações com o cachorro corresponde a uma reclamação, a uma queixa por não cumprir o acordo de jogar o graveto, neste instante se poderia dizer ‘Ah! Claro, eu estou na linguagem com meu cachorro.’ As queixas, por exemplo, são ocasiões claras e precisas de recursão: ‘Você prometeu tal coisas e não a fez.’ É uma referência a um consenso prévio.⁴⁹

Música, Comunicação, Linguagem, Desejo e Terapia

A linguagem é um modo de viver juntos num fluir de coordenação consensual de coordenações consensuais de comportamentos, e é como tal um domínio de coordenação de coordenações de ações. Assim, tudo o que nós seres humanos fazemos, nós fazemos na linguagem. ... os diferentes domínios de afazeres que vivemos como diferentes tipos de atividades humanas, sejam eles concretos ou abstratos, manipuláveis ou imaginados, práticos ou teóricos, ocorrem como domínios de coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações em diferentes domínios de ações que surgem em nosso viver na linguagem. Assim, o linguajar é nosso modo de existir como seres humanos.⁵⁰

A Biologia do Conhecer propõe uma teoria que explica, ou seja, que cria um modelo, de como se dá o surgimento da linguagem em seres

⁴⁹ Ibid, p. 73

⁵⁰ Ibid, p. 178

humanos tanto do ponto de vista ontogênico (a história de vida de cada ser humano) quanto do ponto de vista filogênico (a história de vida da espécie humana). Nesta teoria, relaciona o linguajar com o emocionar:

Quando nossos ancestrais começaram a viver na linguagem, seu viver na linguagem ocorria entrelaçado com seu viver no fluir de emoções. Antes das coordenações recursivas de comportamentos consensuais de linguagem, nossos ancestrais coordenavam seus comportamentos através de seu emocional consensual e inato. ... Animais não linguajantes coordenam seu comportamento através de seu emocional inato ou consensual. Chamo o entrelaçar consensual de linguagem e emoções de conversação.⁵¹

Sobre o aprendizado do conversar nas crianças, Maturana afirma que

uma cultura é rede fechada de conversações que é tanto aprendida como conversada pelas crianças que nela vivem. Conseqüentemente, os mundos que vivemos como seres humanos surgem através de nosso viver em conversações como domínios particulares de coordenações consensuais de coordenações consensuais de comportamentos e emoções, e qualquer configuração de conversações que começa a ser conversada em nosso viver, torna-se daí em diante o mundo que vivemos, ou um dos mundos que vivemos. Isto é o que aconteceu e o que acontece no curso de nossa história como seres humanos.⁵²

Mas, por que aprendemos a linguajar? Por que aprendemos a coordenar consensualmente nossas coordenações de ações? Porque, uma vez que estamos inseridos num sistema social que valoriza e prioriza a linguagem, e indo mais além, está baseado na linguagem, é necessário para a sobrevivência do ser humano que ele aprenda a linguajar a fim de que possa se adaptar a este sistema aonde ele vive e se manter adaptado às transformações que o seu sistema irá sofrer no seu processo de vida.

O Fazer Musical consiste num dos meios possíveis aonde este aprendizado de coordenar ações irá acontecer, e através do seu desenvolvimento, poderá servir também para o aprendizado de coordenar ações de coordenações de ações, ou seja, o linguajar. Por exemplo, quando um paciente toca aleatoriamente e o terapeuta o acompanha produzindo um pulso, e aos poucos, o paciente começa a introjetar o pulso musical e consegue acompanhar o pulso do terapeuta, há uma coordenação de ações no fazer musical: o paciente coordena seu fazer musical com o do terapeuta através de um processo de fusão no pulso musical. Mas para isso, o paciente deve desejar coordenar suas ações com o terapeuta.

⁵¹ Ibid, p. 179

⁵² Ibid, p. 180

A psicoterapeuta Suely Rolnik, define *Desejo* como uma “atração que nos leva a certos universos e repulsa que nos afasta de outros, sem que saibamos exatamente porquê; formas de expressão que criamos para dar corpo aos estados sensíveis que tais conexões e desconexões vão produzindo na subjetividade.”⁵³ O *Desejo* consiste, então, numa força que pode ser de atração ou de repulsão a determinados fatores, elementos, universos, pessoas, etc.

Para Rolnik, o desejo está extremamente associado ao ato criativo e a realização do desejo está submetida a uma ordem social que pode tanto facilitar esta realização (ou seja, aproximar o desejante do desejado, ou afastar o desejante do indesejado) como impedir que ela aconteça. Quando o desejante sente-se vigiado e ameaçado, o gesto criador intimida-se e se retrai,

... humilhada e desautorizada, a dinâmica criadora do desejo paraliza-se sob o domínio da culpa e do medo; esta parada que se dá na verdade em nome da preservação da vida, pode chegar a uma quase morte. O trauma de experiências deste tipo deixa a marca venenosa de um desgosto de viver; uma ferida que pode vir a contaminar tudo, brecando grande parte dos movimentos de conexão e invenção.⁵⁴

Para se proteger das experiências negativas deste trauma, o indivíduo acaba *anestesiando sua afetividade*, o que tende a gerar esquecimento e apatia.

Mas a síndrome do esquecimento tende a tomar muito mais do que as marcas do trauma, já que o circuito afetivo não é um mapa fixo, mas uma cartografia que se refaz permanentemente podendo cada ponto se vincular com qualquer outro e a qualquer momento. É então grande parte da vibratibilidade do corpo que acaba ficando anestesiada, o que tem como um de seus efeitos mais nefastos separar a fala dos estados sensíveis.⁵⁵

Separa-se, então, o linguajar do emocionar.

Esta concepção está muito próxima das noções de *Music Child*, *Condition Child* e toda a fundamentação da Abordagem *Nordoff-Robbins*, aonde, por um impedimento de se desenvolver (orgânico, ambiental, cognitivo, etc.), o indivíduo cria uma espécie de “casca protetora” (*Condition Child*) através da qual interage com o mundo. O trabalho clínico consiste então em encontrar uma brecha nesta “casca” e acessar o potencial preservado do indivíduo (*Music Child*) fazendo com

⁵³ ROLNIK, Suely, 1996a, p.84

⁵⁴ Ibid, p. 85

⁵⁵ Ibid, p.86

que ele retome seu processo de desenvolvimento e promova um novo estado de adaptação ao mundo. A principal diferença em relação a esta abordagem, no entanto, consiste no pressuposto de que o ser humano tem como fim ser humano, não buscando uma transcendência ou um propósito fora de si mesmo.

Na prática clínica musicoterapêutica criam-se situações nas quais o paciente tenha a possibilidade de explorar seus potenciais (sua criatividade) para que possa buscar novas possibilidades de adaptação às novas situações e condições que a vida lhe traz. Se o indivíduo consegue adaptar-se e manter-se adaptado, seu nível de sofrimento diminui e ele pode continuar seu processo de vida e seu processo de desenvolvimento.

O Fazer Musical do terapeuta necessita se adequar às necessidades e condições do paciente para que este possa buscar uma coordenação de ações, ou seja, uma comunicação. Deve, também, lidar com o desejo e com a sua realização numa perspectiva social, de forma a possibilitar a manutenção do processo desejante e do processo criativo.

A análise do produto do fazer musical do musicoterapeuta e do paciente pode indicar como está o conversar (o linguajar e o emocional) de ambos na relação terapêutica e permite avaliar, sob uma perspectiva histórica, se há ou não linguagem entre ambos. Lembramos que não entendemos aqui como linguagem uma representação do mundo através de signos, mas uma coordenação de coordenações de ações, num processo recursivo.

Uma linguagem musical será portanto criada, manipulada, desenvolvida e utilizada entre paciente e terapeuta e somente fará sentido a eles, pois o seu dialogar musicalmente está inserido num contexto experimental/vivencial que jamais poderá ser reproduzido em sua totalidade e integridade. Junto com o linguajar musical, que é uma conduta que pode ser observada e registrada, existe também o emocional, uma transformação dos estados afetivos no campo psíquico do terapeuta e do paciente, que não pode ser observada diretamente e portanto não pode ser registrada, a não ser que seja traduzida no linguajar (verbal e/ou não-verbal).

Neste sentido, não é possível nunca afirmar o que uma produção musical significa por si só, mesmo que saibamos a história das produções da pessoa. Somente podemos observar as transformações na produção e então supor, imaginar, interpretar qual o emocional que ocorre junto o linguajar.

Quando o paciente ainda não chegou num estado de aprisionamento e desvalorização do desejo em que seu linguajar esteja separado

do seu emocionar, o processo de interpretação é possível e ocasionalmente útil. Porém, quando o linguajar e o emocionar do paciente estão desconectados, ou o linguajar não se desenvolveu, a interpretação praticamente não dará nenhuma condição de compreensão do paciente, tornando-se ineficaz e supérflua. Nesta situação, devemos nos concentrar nas coordenações de ações propriamente ditas, ou seja, no processo comunicativo que ocorre no fazer musical, e quando este processo comunicativo evoluir, no processo de languageamento (coordenação de coordenações de ações) no fazer musical, buscando sempre que esta comunicação e este languageamento integrem o emocionar.

Concluindo sem concluir ...

O filósofo Gilles Deleuze costumava afirmar que só se pensa quando se é forçado. E o que nos força a pensar? O estranhamento, ou seja,

o mal-estar que nos invade quando as forças do ambiente em que vivemos e que são a própria consistência de nossa subjetividade, formam novas combinações, promovendo diferenças de estado que conhecíamos e nos quais nos situávamos. Nestes momentos é como se estivéssemos fora de foco, e reconquistar um foco exige de nós o esforço de constituir uma nova figura.⁵⁶

Segundo Roberto Machado, Deleuze

era um filósofo de criação de conceitos: não só criava os dele, como gostava que os outros criassem os seus. Não achava que todo mundo tem de pensar igual. ... Deleuze apresentava o que fazia com o pensamento, esperando que os outros fizessem o que quisessem com o próprio pensamento. Não tinha o desejo de convencer os outros, ou de estabelecer uma verdade a partir da qual ou outros fossem se pautar. Ele bancava a olhos vistos, o pluralismo que sempre defendeu com relação ao pensamento filosófico.⁵⁷

Gostaria de terminar esta não tão breve reflexão com mais uma citação de Maturana, desta vez sobre a responsabilidade do cientista.

Nenhum domínio do conhecimento é responsável. São as pessoas as responsáveis. Porque a responsabilidade tem a ver com os desejos das pessoas, com o dar-se conta de que as conseqüências de seus atos são desejáveis. Tem a ver com o querer, com os desejos. Eu conheço as conseqüências de meus atos, e as desejo? Então meus atos são atos responsáveis. Conheço as

⁵⁶ ROLNIK, Suely, 1996b, p.245

⁵⁷ Ibid, p. 241

conseqüências de meus atos e não as desejo? Então meu não agir é responsável. A responsabilidade do cientista está na sua responsabilidade como pessoa. ... Mas, ao mesmo tempo, essa é uma responsabilidade de todos os membros da comunidade, porque todos temos um afazer que tem conseqüências na comunidade. Não é que a ciência seja responsável, os cientistas são os responsáveis. Não é que a noção de empresa seja responsável, são os empresários os responsáveis ou irresponsáveis. ... Mais que perguntas, creio que precisamos de uma prática. Creio que é fundamental ensinarmos aos nossos filhos a crescer no respeito por si mesmos e no respeito pelos outros ... e refletindo sobre seu afazer. ...⁵⁸

Não busco, como Deleuze não buscava, que todos aceitem e acreditem em minhas palavras e reflexões. Procuro apresentar minha trajetória de pensamento, buscando marcas e referências numa cartografia que vamos criando a cada novo momento – a cartografia da prática clínica e da fundamentação teórica da musicoterapia. E espero que minha trajetória possa ser útil para deflagrar novas trajetórias de pensamento em meus leitores.

Referências Bibliográficas

COSTA, Rogério. Por uma filosofia menor. In: ROLINK, S. e PELBART, P. (orgs.) *Cadernos de Subjetividade, num. esp. Gilles Deleuze*. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – PUC-SP. Junho de 1996.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. Campinas: Psy. 1995.

MATURANA, Humberto. *A Ontologia da Realidade*. Organizado e traduzido por Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: UFMG. 1999.

_____. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Organizado e traduzido por Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG. 2001.

ROBBINS, Carol e ROBBINS, Clive. Self-Communications in Creative Music Therapy. In: BRUSCIA, K. (org.) *Case Studies in Music Therapy*. Phoenixville: Barcelona. 1991.

ROLNIK, Sueli. Esquizoanálise e Antropofagia. In *Cadernos de Subjetividade*, nº. 1, volume I. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – PUC-SP. 1993.

⁵⁸ MATURANA, Humberto, 1999, p. 45-46

_____. Deleuze, Esquizoanalista. In: ROLINK, S. e PELBART, P. (orgs.) *Cadernos de Subjetividade*, número especial Gilles Deleuze. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – PUC-SP. Junho de 1996.(a)

_____. Despedir-se do Absoluto. In: ROLINK, S. e PELBART, P. (orgs.) *Cadernos de Subjetividade*, número especial Gilles Deleuze. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – PUC-SP. Junho de 1996.(b)